

LETRAS PONTA-GROSSEENSES

LEMBRANÇAS DE ANITA – VI

Luísa Cristina dos Santos*

Sandra Andréia Ferreira**

A tendência – que se nota na produção feminina do começo do século XX – de trilhar o caminho da autobiografia, em Anita Philipovsky, confirma-se apenas parcialmente. Tal projeção é facilmente comprovada em sua produção em prosa. Aí sim, a mulher fala de si própria. Sua obra não foge ao pacto fantasmático, no qual, segundo Lejeune¹, o leitor é convidado a ler os romances não só como “ficções” que remetem a uma verdade da “natureza humana” mas também como “fantasmas” reveladores de um indivíduo. Cria-se um espaço autobiográfico, no qual ficção e autobiografia dialogam, tão verdadeiras quanto elaboradas. Os textos de Anita, via de regra, evocam sua terra natal ou lugares por que passou, além de “personagens” quase sempre familiares.

A crônica “O Tibagy”, que ora transcrevemos em ortografia original, foi publicada pelo periódico *Ilustração Paranaense*, em maio de 1928.

* Pesquisadora e acadêmica do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Ponta Grossa / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

¹ Lejeune, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975. p. 42.

O Tibagy

No azul e ouro das aguas fugitivas, ha a illusão de um transumpto.

É uma reprodução.

De tanto olhar para o alto, o rio copiou a imprimadura diaphana de sua superfície, a coloração myosote do infinito, e era estrias dispersas, e instaveis, e faiscantes, a gloria aurea do sol.

O traslado é soberbo.

E o rio exulta.

Infla-se na florula marginal que é parte componente de si mesmo.

E no destaque de altaneiros jarivás, atira para o céu um gesto de triumpho.

Não o faz como para traduzir uma consecução de emulo modesto, em ímpeto de contentamento.

Mas como se tivesse sahido victorioso em prelio renhido, fal-o por orgulho e ostensão.

E no gesto que para o céu, atira em triumpho: – E´s menos bello do que eu!

O teu azul... tenho-o todo, todo dentro de mim!

O astro da vida que é a tua gloria, anda disperso na minha superfície.

E mais do que tu, tenho as aguas correntosas, aguas que vencem distancias e que não param nunca!

Céu azul, morada dos astros, não és tão bello como eu!

E uma voz audível apenas para o senso esthetico, vem de todo o lado, confirmativa e deslumbrada: – Tibagy! adorno lindo, da baixada augusta! belleza perenne! graça immortal do vale silencioso e ameno!

Tibagy!...

E as aguas vão correndo sempre sem uma revessa, e na tremulina da sua superfície um sorriso de sintillações a afflorar para o sol, e para o lepidopteros de azas de crystal e ouro, e para o tempo, os seculos que não attingem nunca, subversivos a sua floria, e suas bellezas immorredouras.

É magestoso e é calmo.

E sonha regio sonho de lá longe, onde ranqueja uma villa, a deslizar sobre o ouro, e sobre diamantes, e sobre rubra.

Tem a serenidade que é a expressão das almas fortes.
E tem a independencia e a vasteza que rebrilha deslumbrante.
Tibagy! graça preciosa da baixada augusta!
O repícolo bravio busca delle a limpha pura.
É invadeavel.
E nessa qualidade tem o balseiro, assegurado, o pão de cada dia.
É claro, é transparente.
E as nuvens quando se ataviam de gazes brancos, não querem a sua superfí-
cie para mirarem a sua garridice.
Tibagy! dom reluzente do valle silencioso!
Tibagy!...
É alto dia.
Dos bovinos que povoam os campos adjacentes, não se vê nenhum pastejar.
Empurrará-os para o refrigerio do matto, a canícula ardente.
Borboletas azues e brancas, e cor de flôr de ipê, voejam mollemente, tontas
de sól.
As cigarras zingarreiam modorrentas irritando a quietude enorme.
E as aguas vão descendo... descendo silenciosas, e heroicas e puras, sobre o
leito dilatado entre margens virides e hirsutas.
Aqui e ali mostram-se nos galhos, as fructinhas da tarumã, a pontilharem de
roxo a folhagem.
De roxo, e de cor de ebano reluzente.
A palmeira ostenta-se alta, com o seu tronco em declínio.
E o sarandy, no barraco, debruça a sua silhueta verde para a correnteza.
Não olha para o céo, nem para os arbustos, nem para as borboletas de azas
finas, de gaze, que volitam.
E o sol, de lá de cima, parece dizer no seu idioma de luz.
Nunca o vi em outra postura!
Sempre inclinado para a agua, sempre, sempre...
O moscardo prosaico, que esvoaça, atira-lhe com menosprezo: –
É um poeta com certeza!...
É um poeta a meditar um poema!

E o pato-bravio despeitado, não se contem: Que será que assim o abstrahe
que nem dá por mim que vou passando?

Mas elle, a nada disso presta ouvidos; e mantém-se na mesma posição.

Mira e remira, eternamente, a sua figura gentil, no espelho tremulo da agua.

É o Narciso da vegetação marginal.

Olhar para outrem... por que?

Só em si mesmo acha belleza.

E os cipós atraz delle, acham que esse exclusivismo apreciativo implica
menoscabo a tudo que o cerca. – É uma pretensão de superioridade, e evidente!

É uma affronta!

É desaforo! desainam...

E contra o idolatra vegetal, enchem-se de immaranhados defeitos.

Alvoçam-se.

Por entre troncos de arvores e arbustos, amotinam-se iracundos.

Alçam-se

Entrecruzam-se tolhidos de intolerancia, e recalcitrantes na gana
insaciavel de o attingir, de o estrangular nos seus mil braços estendidos em
confusão.

6 7

Vae já, o sol no meio do céu.

É a hora em que o caboclo torna á sua morada.

Vem de retirar o cóvo que armára no rio.

Não vae, á pesca, por profissão, como os habitantes do littoral.

Obedece a um habito que remonta a infancia, distrahindo-se nos domingos,
da sua vida inactiva.

Vem rio acima.

Rema com movimentos molles nos braços que afrouxam indolentes, sob a
acção da adustez ambiente.

E elle considera: – que solão!...

Arde-lhe a epiderme que mais de um mosquito em sucção atrevido, impolou.

E a sua morada?

É lá... atrás daquela cochilha.

Não é longe.

Mas elle acha que é muito longe, longe demais, para chegar sem fazer uma parada de descanso.

E a somnolencia que a soalheira faz, está mesmo, a pedir-lhe uma sésta na frescura da margem nemorosa.

Abicar... mas em que lugar, fazel-o?

Há muitos e muitos braços, que o debrum verde da margem, e um espesso tapume.

E assim dahi para diante, até onde a sua vista alcançar.

Contudo frouxa tentativa arrasta-o.

Encosta a canôa.

Deita para traz o chapéo, e olha.

Ah! é tudo um retramado de vegetação.

Mas faz cahir na espessura, o remo em todo o seu comprimento explorando: Poderá saltar? – Não! Não!... as enredanças protestam retorcidas de ira.

Os cipós gavinhosos também não consentem.

E ha um brado rubro de opposição nas mil e mil corollas cor de lacre que salpicam o emmaranhamento de uma trepadeira: – Não!...

E elle?

Recua logo após á primeira investida.

Relutar? Para que?

Seria inexequível o seu propósito.

Conhece bem a hostilidade da trama verde e irada.

Ademais a idea de resistencia, reaviva-lhe na mente, a credice ingenua de uma velha lenda.

É supersticioso.

E este estado de espírito, subordina-o sem desafogo em convícios, e sem dezejo de luctas, sem mesmo, o menor movimento de impaciencia, – ao que elle crê uma advertencia do Céu.

De novo, o remo fende o seio d'água.
Ondas concentricas ampliam-se resplendendo.
E ainda mais preguiçosa do que antes, a canôa reata a marcha interrompida.
Entre petrechos de pesca, leva no seu bojo, rebrilhando de sól, tubaranas,
curimbatás.
E vae indo... vae indo...
Lá adiante, uma batuíra avista-a, estica o pescocinho espiando resabiada,
vôa.
E o caboclo, segue a considerar brenho intenso das margens.
Pela sua mente passa e repassa a lenda singular.
Vem essa lenda, de longe, no tempo, transmittida de geração em geração.
Vem de tempos remotos.
Comtudo não n'á ombubra a velatura desvirtualizante do tempo.
E tem-n'á em mente, viva, sempre nova: Esse retramado das margens... pro-
vem, quem não sabe? provem dos que morreram pelas enchentes; são os seus cabellos
transformados pela Providencia em sarmentos de trepadeira, e em arbustos, e em
cipós gavinhosos, para ladearear preventivos o rio profundo.
Que se não abeire muito d'água que tem caldeirões profundos, o encanto
immortal! adverte.
Adverte, e se oppõe tenaz e bemfazejo, o retramado da margem.
E combatel-o, desbraval-o... o ousaria acaso, elle: elle tão temente ao Deus
de sua crença?...
Varejar o retramado, a golpes de tacação?...
Nunca!
Seria um sacrilegio, um ultraje á divindade! ultraje que attrahiria, certamen-
te, desgraças.
Não!! Nunca ousaria tal!
E, alma tomada de tradicção, remando, remando, remando...
Zingarreiam, sem se cançarem, as cigarras.
Borboletas voejam.
Descrevem curvas no ar.
E entrecruzam-se.

Volteiam em exdruxulo minueto, como nymphas que bailassem.

Uma araponga fende, agora, o espaço, com o seu grito estridente.

E as aguas vão deslizando sempre, sempre... na superfície a afflorar as scintillações de um sorriso para o sól, e para as libellulas de azas de crystal e ouro, e para os seculos que não attingem nunca subversivos, a sua belleza serena, e heroica, e triumphante.

Ponta Grossa, maio de 1928.